

A Última Sessão: Apontamentos sobre o direito de acesso ao cinema no Distrito Federal¹

Guilherme Firmino²

Gustavo Camilo³

Laís Mariano⁴

Leticia Faro⁵

Simon Mota⁶

Elen Geraldles⁷

Resumo

O cinema passou por diversas transformações ao longo da história, dentre elas o deslocamento dos cinemas de rua para shoppings centers. O artigo aborda esse fenômeno na perspectiva do Distrito Federal. A análise foi realizada por meio do levantamento e cruzamento de dados dos sites dos cinemas, mapas, artigos acadêmicos, acervos sobre os cinemas que existiram na cidade, além de dados da PNAD. Tal processo evidenciou que o acesso à cultura se tornou ainda mais restrito, aprofundando a segregação socioespacial. No entanto, é possível pensar políticas públicas de acesso ao cinema que rompam com a privatização do lazer e a elitização do audiovisual, promovendo um reencontro do cinema com a rua, com o povo, com Brasília.

Palavras-chave

cinema; cinema de rua; direito de acesso ao cinema, cinema no Distrito Federal.

Introdução

O cinema passou por diversas transformações durante a sua existência, tanto em estilo e linguagem quanto no espaço físico. Por diversas décadas, ele esteve presente nas ruas, integrando o cotidiano e o cenário arquitetônico das cidades. Com o tempo, esses espaços “foram migrados” para os *shoppings centers*, incentivando o consumo e privatizando o lazer. “O surgimento do cinema de rua se dá quando ele passa a não pertencer mais às ruas, às pessoas; o cinema de rua é a oposição ao modelo que trancafia o cinema em propriedades seletivas, excludentes e encarecidas.” (Lima, 2022, p. 3).

¹ Trabalho apresentado na IJ04- Audiovisual e Mídias Sonoras da Intercom Júnior – 20ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 3º Semestre, do Curso de Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília - UnB, e-mail: guilhermefirminobsb@gmail.com

³ Estudante de Graduação, 3º Semestre, do Curso de Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília -

⁴ Estudante de Graduação, 3º Semestre, do Curso de Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília

⁵ Estudante de Graduação, 3º Semestre, do Curso de Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília

⁶ Estudante de Graduação, 3º Semestre, do Curso de Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília

⁷ Orientadora do trabalho. Docente da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, UnB, e-mail: elenger@unb.br

Nas grandes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador, os cinemas, que antes eram centrais na vida comunitária, tornaram-se espaços vazios e esquecidos. Alguns foram transformados em igrejas ou pontos comerciais. Esse apagamento cultural resultou de diversos fatores, como mudanças econômicas, popularização da televisão, ascensão dos *shoppings* como espaços privilegiados de lazer e consumo e falta de políticas públicas para preservá-los.

O objetivo deste artigo é descrever e analisar a situação dos cinemas de Brasília, relacionando-os aos filmes exibidos e à origem desses filmes. A pergunta norteadora da pesquisa é: Os cinemas de Brasília reproduzem, em sua localização e programação, lógicas excludentes, afastando do cinema a população mais vulnerável socioeconomicamente? Para respondê-la, utiliza como fundamentos teóricos a discussão sobre políticas públicas de acesso ao cinema e como procedimentos metodológicos a revisão bibliográfica e a captação de dados para descrever e analisar a situação dos cinemas no Distrito Federal.

O artigo divide-se em três partes: Por um cinema mais forte, uma breve história das políticas públicas de cinema, Cinema no Paraíso, com dados primários sobre a localização de salas e filmes exibidos no Distrito Federal, e finalmente, Próxima Sessão, que busca fazer apontamentos sobre estratégias para tornar o acesso ao cinema mais aberto e democrático.

Por um cinema mais forte

Segundo Ismail Xavier (2005), o cinema nacional é um campo de disputa simbólica, onde se constroem e desconstruem identidades. O autor destaca que, se não nos apropriarmos de nossas próprias narrativas, corremos o risco de consumir apenas as histórias e os valores de outras culturas, diluindo nossa própria identidade e capacidade de autorrepresentação. Portanto, o direito de acesso ao cinema é também o direito à cidadania e à formação de consciência crítica.

Fortalecer e valorizar o cinema também desenvolve o *soft power* de um país, isto é, sua capacidade de ser visto e identificado por outros povos e culturas. E esse poder tem implicações políticas e econômicas, como ampliar o turismo e favorecer as relações internacionais.

Além disso, o cinema é um representante significativo da Indústria Criativa Nacional. Ele gera empregos e renda direta, além de beneficiar diversos setores da cadeia

produtiva, como hospedagem, alimentação, turismo, moda, tecnologia de efeitos especiais e direitos autorais.

Ao longo da história do Brasil, diferentes governos reconheceram a importância de implementar políticas públicas voltadas para o desenvolvimento do cinema nacional, com eficácia variada. Dentre os principais aspectos destas iniciativas estão a criação do Instituto Nacional de Cinema (INC) em 1966, seguida pela Embrafilme e, mais recentemente, pela Agência Nacional do Cinema (Ancine). Segundo Ribeiro (2007), as políticas culturais têm o poder de reforçar visões de mundo, influências ideológicas e projetos de sociedade. Portanto, o incentivo ao cinema nacional não se limita apenas às questões econômicas ou culturais, mas também atua como um mecanismo de valorização de determinadas narrativas em detrimento de outras.

As políticas de incentivo ao cinema se concentram em diferentes áreas: produção, distribuição e exibição. No Brasil, a produção historicamente tem sido a área que mais recebeu recursos, com fundos setoriais e editais de apoio destinados a oferecer incentivo financeiro aos realizadores para viabilizar suas obras. Um dos desafios dessa política é a definição de critérios para a seleção dos projetos a serem financiados. Atualmente, a pressão dos movimentos sociais gerou uma reconsideração dessas políticas de fomento, defendendo que grupos socialmente excluídos, como negros, mulheres, pessoas com deficiência, e membros da comunidade LGBTQIAPN+, tenham acesso diferenciado a créditos. Conforme explicado por Leitão (2009), o fomento deve ser, acima de tudo, plural e democrático e, assim, contemplar narrativas frequentemente silenciadas.

Mas não basta fazer um filme; é necessário que ele chegue ao público. A distribuição é o maior desafio do cinema brasileiro, segundo Fonseca e Castro (2012). As salas são poucas e muitas estão em locais caros como *shopping centers*. Para cobrir os custos, exibidores preferem filmes com sucesso garantido, como as grandes produções de Hollywood, em detrimento, por exemplo, de produções nacionais independentes. Políticas de distribuição podem incluir incentivos para exibidores escolherem filmes nacionais, reservar um percentual de salas para obras brasileiras ou realizar campanhas publicitárias para divulgar esses filmes.

Mesmo quando filmes nacionais são lançados e exibidos, não chegam a todos. Com cinemas em áreas caras, ir ao cinema torna-se um luxo, com gastos como deslocamento, lanches etc. Sem políticas de acesso, pessoas das periferias, com

deficiências e outros grupos excluídos raramente assistem a essas produções. Parcerias com escolas e cineclubes ajudam a levar o cinema nacional a esses grupos. Criar cinemas em regiões desfavorecidas é possível, mas atrair público depende de divulgação e motivação.

Cinema no Paraíso

Brasília foi criada, há 65 anos, com um projeto modernista que unia a possibilidade de interiorização do país, o convívio com a natureza e a inclusão social. Nesse paraíso de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, que rapidamente mostrou suas falhas e fraturas, o cinema também tinha espaço: o Cine Brasília foi inaugurado em abril de 1960 e permanece como o único cinema de rua em funcionamento no Distrito Federal. Muitos outros cinemas, especialmente os localizados no Conic, um complexo de lojas e escritórios situado no coração de Brasília, deixaram de existir. Entre as décadas de 1960 e 1980, o Conic abrigou cerca de oito salas de exibição, incluindo o Cine Atlântida que, com 1.200 lugares, foi o maior da cidade e marcou toda uma geração de moradores nos anos 1980. O Cine Atlântida foi desativado em 1995, dando lugar a uma Igreja Universal. Em 2025, mais de 84% dos cinemas do Distrito Federal estão localizados em shoppings, e mais de 60% situam-se em áreas consideradas nobres, como demonstra a tabela abaixo.⁸

Tabela 1: Exposição de perfil regional e socioeconômico dos cinemas com programação principal dos dias 14 e 15 de junho de 2025:

⁸ Foram consideradas áreas nobres aquelas com renda per capita superior a R\$ 5.000,00, conforme dados da PNAD 2021.

Cinema	RA / Localização	Renda per capita	Tipo	Nº de Salas	Nº de filmes/final de semana (14/06 e 15/06)	Filmes mais exibidos (quantidade de sessões) por final de semana (14/06 e 15/06)	Horário de Funcionamento	Preço Médio
Cine Brasília	Plano Piloto	R\$ 7.051,60	Rua/Independente	1	4 + mostra de cinema latino-americano	Lilo & Stitch (3)	9:00 – 22:00 (segunda a quarta) e 9:00 – 21:00 (quinta a domingo)	R\$ 11,66
Cinemark Pier 21	Plano Piloto	R\$ 7.051,60	Multiplex	13	6	Como Treinar o seu Dragão (50), Lilo & Stitch (26) e Bailarina (10)	11:00 – 23:00	R\$ 31,28
Kinoplex Pátio Brasil	Plano Piloto	R\$ 7.051,60	Multiplex	6	6	Como Treinar o seu Dragão (18), Lilo & Stitch (11) e Bailarina (3)	10:00 – 22:00 (segunda a sábado) e 13:00 – 19:00 (domingo)	R\$ 22,5
Kinoplex Boulevard	Plano Piloto	R\$ 7.051,60	Multiplex	4	4	Como Treinar o seu Dragão (13) e Lilo & Stitch (9)	10:00 – 22:00 (segunda a sábado) e 13:00 – 19:00 (domingo)	R\$ 24,375
Cine Cultura Liberty Mall	Plano Piloto	R\$ 7.051,60	Multiplex/Independente	4	8	Todos os filmes foram exibidos 1 vez por dia	13:00 – 21:00	R\$ 18,75
Cine Drive-in	Plano Piloto	R\$ 7.051,60	Drive-in	1	3	Todos os filmes foram exibidos 1 vez por dia	17:30 – 00:00	R\$ 31,5
Cinemark Iguatemi Brasília	Lago Norte	R\$ 6.489,00	Multiplex	6	5	Como Treinar o seu Dragão (24), Lilo & Stitch (12) e Bailarina (6)	11:00 – 23:00	R\$ 34,5
CineSystem CasaPark	Guará	R\$ 3.678,60	Multiplex	9	8	Como Treinar o seu Dragão (18), Lilo & Stitch (8) e Bailarina (6)	13:00 – 22:00	R\$ 24,3
Kinoplex Park Shopping	Guará	R\$ 3.678,60	Multiplex	11	7	Como Treinar o seu Dragão (30), Lilo & Stitch (18) e Bailarina (7)	13:00 – 22:30 (segunda a sábado)	R\$ 26
Cinemark Taguatinga Shopping	Taguatinga	R\$ 2.591,90	Multiplex	9	5	Como Treinar o seu Dragão (34), Lilo & Stitch (24) e Bailarina (8)	11:00 – 23:00	R\$ 39,16
Cineflix JK Shopping	Taguatinga	R\$ 2.591,90	Multiplex	6	7	Como Treinar o seu Dragão (12), Lilo & Stitch (7) e Bailarina (5)	13:30 – 22:30	R\$ 23,25
Arcopeco Águas Claras Shopping	Águas Claras	R\$ 5.900,80	Multiplex	4	5	Como Treinar o seu Dragão (9), Lilo & Stitch (8) e Bailarina (3)	10:00 – 22:00 (segunda a sábado) e 11:00 – 22:00 (domingo)	R\$ 25,50
Cinema Multicine	Santa Maria	R\$ 1.503,50	Multiplex	6	5	Como Treinar o seu Dragão (10), Lilo & Stitch (8) e Bailarina (4)	10:00 – 22:00	R\$ 15,85

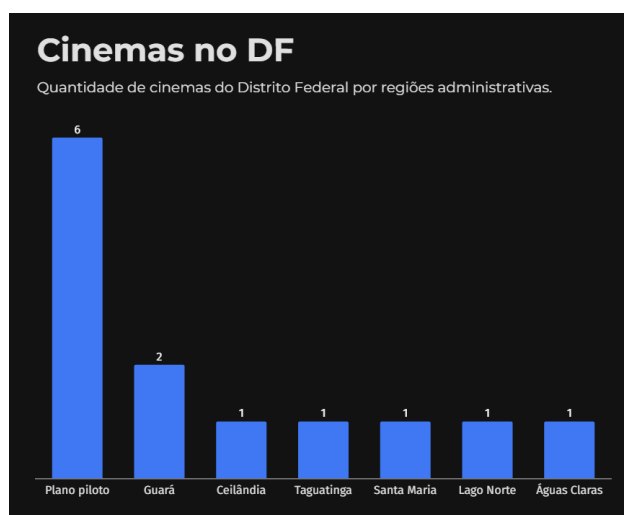
Fonte: Autoria própria (2025).

A população sempre sentiu a tentativa de extermínio das expressões culturais brasilienses. Fora do Plano Piloto, um dos maiores exemplos desse processo está em um cinema da região administrativa (RA) do Gama. Sendo uma das RA's mais antigas do Distrito Federal, o Gama serviu de residência para alguns dos primeiros moradores de Brasília. Por sua importância, a região desenvolveu diversas atividades culturais marcantes, e em 1962 foi inaugurado o então segundo maior cinema da capital, o Cine Itapuã que, com o passar do tempo, foi abandonado. Indignados com o descaso, comerciantes da região se mobilizaram pela causa, “o cinema foi comprado por eles e doado ao governo do Distrito Federal para não ser vendido e transformado em uma igreja.” (Agência de Notícias do Uniceub, 2019). Mesmo com a doação para o governo, o cinema está fechado desde 2005 e atualmente passa por obras de revitalização.

O descaso do poder público, somado à ascensão dos shoppings, funcionou como uma máquina que, em pouco tempo, contribuiu para o desaparecimento desses espaços culturais e intensificou ainda mais o processo de elitização da arte. Nos shoppings, o consumo é fortemente incentivado, e a cultura também é tratada como produto. Isso reforça barreiras de acesso e exclui boa parte da população que mais carece de espaços culturais e de expressões artísticas. A arte, antes inserida no cotidiano de bairros e comunidades, passa a depender de estruturas comerciais que impõem regras, preços e dinâmicas que afastam os públicos mais vulneráveis.

O Distrito Federal é uma das regiões com maior segregação socioespacial do Brasil, e a distribuição dos cinemas também segue essa lógica desigual. Com 13 cinemas dentro do DF, o Plano Piloto, área central da cidade, concentra quase metade dos espaços, contando com 4 cinemas em *shoppings* (Cine Cultura Liberty Mall, Kinoplex Boulevard, Kinoplex Pátio Brasil e Cinemark Pier 21), um cinema de rua (Cine Brasília) e um cine drive in (Cine Drive In). Outras regiões também contam com cinemas, como Taguatinga (Cinemark Taguatinga Shopping e Cineflix JK Shopping), Guará (Kinoplex Park Shopping e Cinesystem Caixa Casa Park), Santa Maria (Multicine Shopping Santa Maria), Lago Norte (Cinemark Shopping Iguatemi) e Águas Claras (Arcoplex Águas Claras Shopping). Entretanto, a maioria das Regiões Administrativas do Distrito Federal ainda não conta com salas de cinema, o que evidencia a concentração desses equipamentos culturais nas áreas centrais e comerciais. Atualmente, apenas 6 das 35 RA's possuem esse tipo de espaço como é apresentado no gráfico abaixo:

Gráfico 1: Distribuição de cinemas por RA's

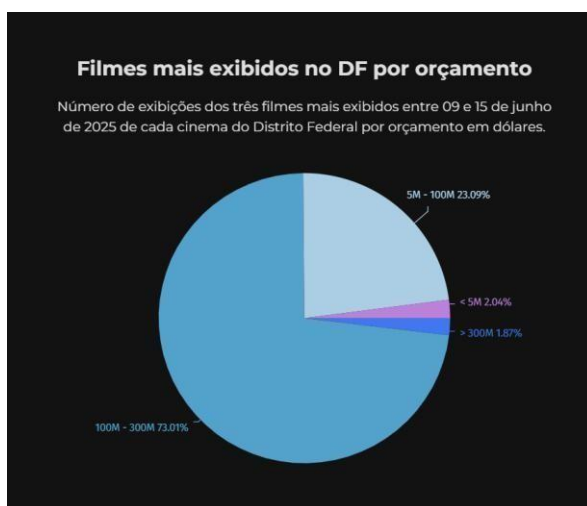
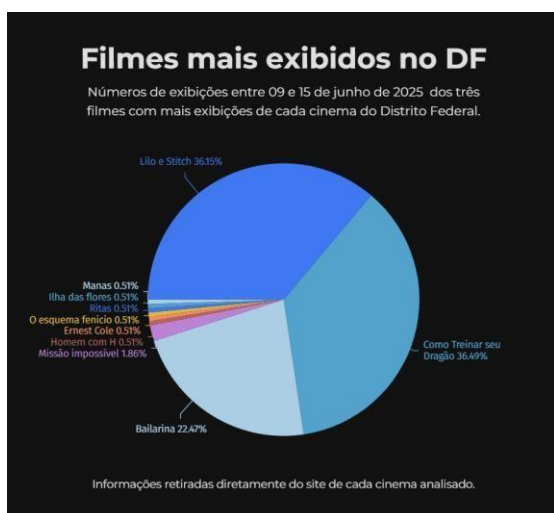


Fonte: Autoria própria (2025).

Este panorama revela um grave problema em relação ao acesso ao cinema no Distrito Federal: por questões de preço, distância e costume, a população, em especial de fora do Plano Piloto, encontra grande dificuldade em visitar salas de cinema com frequência. Ademais, mesmo o já reduzido acesso se dá por uma baixa pluralidade de

filmes, a maior parte das salas apresenta uma seleção curta de filmes em sua maioria estadunidenses e de alto orçamento. Corroborando com isso, as salas de cinema que apresentam um catálogo voltado para o cinema nacional e/ou independente são poucas e todas concentradas no Plano Piloto.

Gráficos 2, 3 e 4: Ilustram os filmes os filmes mais exibidos, suas nacionalidades e orçamento, respectivamente, entre 9 e 15/06/2025;.



Fonte: Autoria própria (2025).

Próxima sessão

A resposta à questão norteadora deste artigo é que, de fato, a localização dos cinemas em Brasília e sua programação afastam a população socioeconomicamente mais vulnerável, que não mora em regiões centrais, dos filmes nacionais. Porém, apesar deste contexto claustrofóbico, no DF existem diversas outras formas de experimentar o cinema

para além do consumo hegemônico. Estas iniciativas buscam democratizar o cinema tanto numa dimensão de acesso às salas quanto numa dimensão de diversificação de exibições e vem se mostrando um pilar importante na manutenção do consumo de filmes nacionais, independentes e de pouco apelo mercadológico, bem como na visão de Brasília como um polo da arte e cultura contra-hegemônica.

Uma das possibilidades encontradas são cineclubes, espaços de exibição e discussão de sessões soltas. Os cineclubes geralmente são iniciativas de um pequeno grupo, mas sem impedimentos de expansão para um evento de maior escala. O Cinebeijoca, por exemplo, é um cineclubes que partiu de alunos da Universidade de Brasília e hoje possui vínculo com o Cine Brasília. Os encontros de um cineclubes costumam não ter fins lucrativos e apresentam exibições semelhantes ao de ambiente mais estabelecidos e financiados como o CCBB e a Caixa Cultural, entretanto, apesar do acesso facilitado de todas essas iniciativas, a idealização e realização destes eventos ainda ocorrem em ambientes elitizados.

Projetos itinerantes também marcam presença na capital, como o Cine Pipoca no Rolê, projeto de extensão do curso de Audiovisual da UnB, e o CineFunn, projeto com parceria do Instituto Organizacional Federal e do Ministério da Cultura, que levam sessões gratuitas para diferentes regiões administrativas. As exibições acontecem em praças, escolas ou espaços culturais, e muitas vezes têm também teatro, pipoca e rodas de conversa depois do filme. É uma forma de levar o cinema para perto das pessoas, mesmo em lugares onde não há salas comerciais.

A exemplo das demais iniciativas públicas, o Cine Brasília, cinema público e independente do DF, possui um papel importante no Distrito Federal. Além de preços acessíveis, o espaço oferece sessões atípicas para pessoas neurodivergentes, programação fílmica seguida por rodas de conversa, exibições de festivais e de mostras temáticas de cinema e eventos com colaborações governamentais, como o “Escola Vai Ao Cinema”, em parceria com a Secretaria de Educação, que exhibe filmes nacionais para crianças e adolescentes da rede pública.

É necessário que essas ações se consolidem e se ampliem, tornando-se políticas públicas contínuas e interligadas, para que o cinema esteja cada vez mais perto de todos os públicos do Distrito Federal.

Referências

ADOROCINEMA. **Programação de cinema no Distrito Federal**. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/programacao/cinema/estado-293130/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

AGÊNCIA BRASÍLIA. **Cine Itapuã, no Gama, mais perto de ser devolvido ao público**. Brasília, 17 jan. 2022. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/w/cine-itapua-no-gama-mais-perto-de-ser-devolvido-ao-publico>. Acesso em: 19 jun. 2025.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS CEUB. **Sétima Arte: Memórias de antigos cinemas de rua do DF**. Brasília, 27 mar. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.uniceub.br/cultura/setima-arte-memorias-de-antigos-cinemas-de-rua-do-df/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

BASTOS, Fernanda. Cine Drive-in, aos 50 anos: O último cinema a céu aberto da América do Sul não perde essência ao incluir tecnologia nas sessões. **G1**, Distrito Federal, 13 jul. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2024/07/13/cine-drive-in-aos-50-anos-ultimo-cinema-a-ceu-aberto-da-america-do-sul-nao-perde-essencia-ao-incluir-tecnologia-nas-sessoes.ghtml>. Acesso em: 19 jun. 2025.

BENDASSOLLI, P. F.; WOOD JR., T. Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 10-18, jan./mar. 2009.

CINE BRASÍLIA. **Cine Brasília**. 2025. Disponível em: <https://cinebrasil.com>. Acesso em: 19 jun. 2025.

CINEFUNN [@cinefunn]. **Instagram**. Disponível em: <https://www.instagram.com/cinefunn/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

CINESYSTEM. **Rede Cinesystem Cinemas**. 2025. Disponível em: <https://www.cinesystem.com.br/cinemas/cinesystem-brasil/1605>. Acesso em: 19 jun. 2025.

DA SILVA, Tainá Andrade; DA SILVA FILHO, Wilson Oliveira. Os cinemas de rua morreram? Motivos por trás das lutas suburbanas em defesa dos cinemas de rua como espaços de memória coletiva e força transformadora de territórios. **Em Tese**, v. 20, n. 2, p. 21-40, 2023.

EMBRAFILME. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicoes/78361-embrafilme>. Acesso em: 19 jun. 2025.

FONSECA, G. S.; CASTRO, R. M. O gargalo da distribuição e exibição no cinema brasileiro: uma análise da concentração do mercado. **Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**, n. 1, 2012.

INGRESSO.COM. **Cineflix JK Shopping – Brasília**. Disponível em: <https://www.ingresso.com/cinema/cineflix-jk-shopping-brasilia?city=brasilia>. Acesso em: 19 jun. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTATÍSTICA DO DISTRITO FEDERAL – IPEDF. **PDAD-2021**. Disponível em: <https://www.ipe.df.gov.br/pdad-2021-3/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

IZEL, Adriana et al. A Cultura Livre, Pólvora Galeria, a juventude criativa do Gama. **Gama Cidadão**, 5 jan. 2016. Disponível em: <https://www.gamacidadao.com.br/a-cultura-livre-polvora-galeria-a-juventude-criativa-do-gama/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

MALVERDES, André. **O fechamento das salas de cinema na cidade de Vitória e a política da Embrafilme para a produção do cinema nacional**: projetando a própria crise. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2007.

OPEN AIR BRASIL. **Ingressos**. Disponível em: <https://www.openairbrasil.com.br/ingressos>. Acesso em: 19 jun. 2025.

RIBEIRO, A. P. G. Políticas Culturais no Brasil: reflexões sobre a diversidade cultural e a ação do Estado. **Revista do Campo**, n. 12, 2007.

RIBEIRO, Luis Ricardo. A Escola Vai Ao Cinema recebe mais de 5 mil estudantes da rede pública do DF. **Sinpro-DF**, 30 ago. 2022. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/a-escola-vai-ao-cinema-recebe-mais-de-5-mil-estudantes-da-rede-publica-do-df/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

SÁ LEITÃO, S. **O cinema em 3 atos**: política, mercado e indústria. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2009.

VIANA, Fernando. CONIC, o sisudo favorito de Brasília. **Jornal de Brasília**, [s.d.]. Disponível em: <https://jornaldebrasilia.com.br/viva/eventos/conic-o-sisudo-favorito-de-brasilia/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico**: a opacidade e a transparência. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

XAVIER, Ismail. **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.